

I'm not a robot



Descritores de língua portuguesa 9o ano proeb

MATRIZ DE REFERÊNCIA DE LÍNGUA PORTUGUESA 9º ANO DO E.F. E 3º ANO DO E. M. MATRIZ DE REFERÊNCIA- SIMAVE/PROEB LÍNGUA PORTUGUESA- 9º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL E 3º ANO DO ENSINO MÉDIO-TÓPICO E SEUS DESCRITORES I- PROCEDIMENTOS DE LEITURA
D1 Identificar o tema ou o sentido global de um texto.
D2 Localizar informações explícitas em um texto.
D3 Inferir informações implícitas em um texto.
D5 Inferir o sentido de uma palavra ou uma expressão.
D10 Distinguir um fato da opinião relativa a esse fato.
II-IMPlicação DO SUPORTE, DO GêNERO E/OU DO ENUNCIADOR NA COMPREENSÃO DO TEXTO
D6 Identificar o gênero de um texto.
D7 Identificar a função de textos de diferentes gêneros.
D8 Interpretar texto que conjuga linguagem verbal e não verbal.
III-RELAÇÃO ENTRE TEXTOS
D18 Reconhecer posições distintas entre duas ou mais opiniões relativas ao mesmo fato ou ao mesmo tema.
D20 Reconhecer diferentes formas de abordar uma informação ao comparar textos que tratam do mesmo tema.
IV- COERÊNCIA E COESÃO NO PROCESSAMENTO DO TEXTO
D11 Reconhecer relações lógico-discursivas presentes no texto, marcadas por conjunções, advérbios, etc.
D12 Estabelecer a relação entre causa e consequência entre partes e elementos do texto.
D15 Estabelecer relações entre partes de um texto, identificando repetições ou substituições que contribuem para a sua continuidade.
D16 Estabelecer relações entre partes de um texto a partir de mecanismos de concordância verbal e nominal.
D19 Identificar o conflito gerador do enredo e os elementos da narrativa.
D14 Identificar a tese de um texto.
D26 Estabelecer relações entre a tese de um texto e os argumentos oferecidos para sustentá-la.
D27 Diferenciar as partes principais das secundárias em um texto.
V- RELAÇÃO ENTRE RECURSOS EXPRESSIVOS E EFEITOS DE SENTIDO
D23 Identificar efeitos de ironia ou humor em textos.
D28 Reconhecer o efeito de sentido decorrente da escolha de uma determinada palavra ou expressão.
D21 Reconhecer o efeito de sentido decorrente do uso de pontuação e de outras notações.
D25 Reconhecer o efeito de sentido decorrente do uso de recursos ortográficos e morfosintáticos
VI- VARIACÃO LINGÜÍSTICA
D13 Identificar marcas linguísticas que evidenciam o locutor interlocutor
Orientações para trabalhar descritores do PROEB - 9º ano (Língua Portuguesa).
I- Procedimentos de leitura
D1- Identificar o tema ou o sentido global de um texto. O tema é o eixo sobre o qual o texto se estrutura. A percepção do tema responde a uma questão essencial para a leitura: “O texto trata de quê?” A habilidade que pode ser avaliada por meio deste descritor refere-se ao reconhecimento pelo aluno do assunto principal do texto, ou seja, à identificação do que trata o texto. Para que o aluno identifique o tema, é necessário que relacione as diferentes informações para construir o sentido global do texto. Essa habilidade é avaliada por meio de um texto para o qual é solicitado, de forma direta, que o aluno identifique o tema ou o assunto principal do texto.
D2- Localizar informações explícitas em um texto
A habilidade que pode ser avaliada por este descritor, relaciona-se à localização pelo aluno de uma informação solicitada, que pode estar expressa literalmente no texto ou pode vir manifesta por meio de uma frase, isto é, dizer que o aluno identifica o tema ou o assunto principal do texto.
D3- Localizar informações explícitas em um texto
A habilidade que pode ser avaliada por este descritor, relaciona-se à localização pelo aluno de uma informação solicitada, que pode estar expressa literalmente no texto ou pode vir manifesta por meio de uma frase, isto é, dizer que o aluno reconhece o tema ou o assunto principal do texto.
D4- Localizar informações explícitas em um texto
Essa habilidade é avaliada por meio de um texto-base que dá suporte ao item, no qual o aluno é orientado a localizar as informações solicitadas seguindo as pistas fornecidas pelo próprio texto.
D3 - Inferir informações implícitas em um texto.
As informações implícitas no texto são aquelas que não estão presentes claramente na base textual, mas podem ser construídas pelo leitor por meio da realização de inferências que as marcas do texto permitem. Além das informações explicitamente enunciadas, há outras que podem ser pressupostas e, consequentemente, inferidas pelo leitor. Por meio deste descritor, pode-se avaliar a habilidade de o aluno reconhecer uma ideia implícita no texto, seja por meio da identificação de sentimentos que dominam as ações externas dos personagens, em um nível básico, seja com base na identificação do gênero textual e na transposição do que seja real para o imaginário. É importante que o aluno apreenda o texto como um todo, para dele retirar as informações solicitadas. Essa habilidade é avaliada por meio de um texto, no qual o aluno deve buscar informações que vão além do que está explícito, mas que à medida que ele vá atribuindo sentido ao que está enunciado no texto, ele vá deduzindo o que lhe foi solicitado. Ao realizar esse movimento, são estabelecidas de relações entre o texto e o seu contexto pessoal. Por exemplo, solicita-se que o aluno identifique o sentido da ação dos personagens ou o que determinado fato desperte nos personagens, entre outras coisas.
D5- Inferir o sentido de uma palavra ou expressão.
Por meio deste descritor, pode-se avaliar a habilidade de o aluno relacionar informações, inferindo quanto ao sentido de uma palavra ou expressão no texto, ou seja, dando a determinadas palavras seu sentido conotativo. Inferir significa realizar um raciocínio com base em informações já conhecidas, a fim de se chegar a informações novas, que não estejam explicitamente marcadas no texto. Essa habilidade é avaliada por meio de um texto no qual o aluno, ao inferir o sentido da palavra ou expressão, seleciona informações também presentes na superfície textual e estabelece relações entre essas informações e seus conhecimentos prévios.
D10 - Distinguir um fato da opinião relativa a esse fato.
Por meio deste descritor pode-se avaliar a habilidade de o aluno identificar, no texto, um fato relatado e diferenciá-lo do comentário que o autor, ou o narrador, ou o personagem fazem sobre esse fato. Essa habilidade é avaliada por meio de um texto, no qual o aluno é solicitado a distinguir partes do texto que são referentes a um fato e partes que se referem a uma opinião relacionada ao fato apresentado, expressa pelo autor, narrador ou por algum outro personagem. Há itens que solicitam, por exemplo, que o aluno identifique um trecho que expresse um fato ou uma opinião, ou então, dê-se a expressão e pede-se que ele reconheça se é um fato ou uma opinião.
II - Implicações do suporte, do gênero e/ou do enunciator na compreensão do texto
D6 - Identificar o gênero de um texto
Sempre que nos manifestamos linguisticamente, o fazemos por meio de textos. E cada texto realiza sempre um gênero textual. Cada vez que nos expressamos linguisticamente estamos fazendo algo social, estamos agindo, estamos trabalhando. Cada produção textual, oral ou escrita, realiza um gênero. Pode - se dizer que os gêneros textuais estão intimamente ligados à nossa situação cotidiana. Assim, identificar o gênero de um texto é, pela sua estrutura e função, identificar se o texto pertence a gêneros como: anúncios, convites, atlas, avisos, programas de auditórios, bulas, cartas, cartazes, comédias, contos de fadas, crônicas, editoriais, ensaios, entrevistas, contratos, decretos, discursos políticos, histórias, instruções de uso, letras de música, leis, mensagens, notícias, etc.
D7 - Identificar a função de textos de diferentes gêneros
Com relação ao gênero textual, faz-se necessário pensar que a função é a característica mais importante a ser levada em consideração. Diversos gêneros apresentam funções diferentes, tais como informar, convencer, advertir, instruir, explicar, comentar, solicitar, entre outras. Para desenvolver essa habilidade sugere-se a leitura e comparação de diferentes gêneros, dando ênfase à função dos textos. Questões abertas sobre a finalidade de gêneros e textos e questões de múltipla escolha com o mesmo objetivo podem ser elaboradas para isso.
D8 - Interpretar texto que conjuga linguagem verbal e não verbal
Para desenvolver essa habilidade, é fundamental que os alunos leiam textos que contenham linguagem não verbal variada. O ideal é desenvolver atividades que alie o texto verbal ao texto não verbal, como ilustrações, esquemas, gráficos, tabelas, quadros, e/ou outras figuras diversas.
III - Relação entre textos
D18 - Reconhecer posições distintas entre duas ou mais opiniões relativas ao mesmo fato ou ao mesmo tema.
Para fazer com que os alunos desenvolvam essa habilidade é importante escolher, para leitura e interpretação, textos que tratem do mesmo fato ou mesmo tema e levar os alunos a uma leitura crítica e comparativa desses textos. As questões elaboradas para exploração dessa habilidade também podem ser de diferentes tipos, tomando-se o cuidado de centrar nas posições ou opiniões diferentes (o que não quer dizer que devem ser contrárias) que os textos apresentam. É importante também que se tomem textos que sejam passíveis de comparação no que está em observação.
D20 - Reconhecer diferentes formas de abordar uma informação ao comparar textos que tratam do mesmo tema.
Ao comparar textos que tratam do mesmo tema, podem ser observadas questões concernentes à produção e recepção de textos. Tanto produção quanto recepção fazem parte do macro contexto, da situação ao entorno do texto, sendo determinantes, às vezes na construção dos sentidos. O desenvolvimento dessa habilidade se dá na leitura de mais de um texto com o mesmo tema e na comparação das características de produção e recepção de tais textos, levando a diferenças textuais. No que se refere às questões, diferentes tipos podem ser elaborados, desde que explorem o objetivo de estudo específico desse tópico.
IV - Coerência e coesão no processamento do texto
D11- Reconhecer relações lógico-discursivas presentes no texto, marcadas por conjunções, advérbios, etc.
As habilidades que podem ser avaliadas por este descritor, relacionam-se ao reconhecimento das relações de coerência no texto em busca de uma concatenação perfeita entre as partes do texto, as quais são marcadas pelas conjunções, advérbios, etc., formando uma unidade de sentido. Essa habilidade é avaliada por meio de um texto no qual é solicitado ao aluno, a percepção de uma determinada relação lógico discursiva, enfatizada, muitas vezes, pelas expressões de tempo, de lugar, de comparação, de oposição, de causalidade, de anterioridade, de posterioridade, entre outros e, quando necessário, a identificação dos elementos que explicam essa relação.
D12 - Estabelecer a relação causa/consequência entre partes e elementos do texto.
Por meio deste descritor pode-se avaliar a habilidade do aluno em identificar o motivo pelo qual os fatos são apresentados no texto, ou seja, o reconhecimento de como as relações entre os elementos organizam-se de forma que um torna-se o resultado do outro. Essa habilidade é avaliada por meio de um texto no qual o aluno estabeleça relações entre as diversas partes que o compõem, averiguando as relações de causa e efeito, problema e solução, entre outros.
D15 - Estabelecer relação entre partes de um texto, identificando repetições ou substituições que contribuem para a sua continuidade.
As habilidades que podem ser avaliadas por este descritor relacionam-se ao reconhecimento da função dos elementos que dão coesão ao texto. Dessa forma, eles poderão identificar quais palavras estão sendo substituídas e/ou repetidas para facilitar a continuidade do texto e a compreensão do sentido. Trata-se, portanto, do reconhecimento, por parte do aluno, das relações estabelecidas entre as partes do texto.
D16 - Estabelecer relações entre partes de um texto a partir de mecanismos de concordância verbal e nominal
As habilidades que podem ser avaliadas por este descritor relacionam-se ao reconhecimento da função dos elementos que dão coesão ao texto. Os alunos poderão identificar quais verbos estão concordando com quais substantivos, sendo que estes podem estar no mesmo período ou em períodos mais distantes dos verbos (o que dificulta sua identificação). Também poderá ser cobrada a concordância entre nomes - substantivo, pronome ou mesmo numeral substantivo e as demais palavras que a eles se ligam para caracterizá-los sejam artigos, pronomes adjetivos, numerais adjetivos e adjetivos. Trata-se, portanto, do reconhecimento, por parte do aluno, dos mecanismos de concordância verbal e nominal.
D19 - Identificar o conflito gerador do enredo e os elementos que constroem a narrativa.
Por meio deste descritor, pode-se avaliar a habilidade do aluno em reconhecer os fatos que causam o conflito ou que motivam as ações dos personagens, originando o enredo do texto. Essa habilidade é avaliada por meio de um texto no qual é solicitado ao aluno que identifique os acontecimentos desencadeadores de fatos apresentados na narrativa, ou seja, o conflito gerador, ou o personagem principal, ou o narrador da história, ou o desfecho da narrativa.
D14 - Identificar a tese de um texto.
Por meio deste descritor, pode-se avaliar a habilidade de o aluno reconhecer o ponto de vista ou a ideia central defendida pelo autor. A tese é uma proposição teórica de intenção persuasiva, apoiada em argumentos contundentes sobre o assunto abordado.
D26 - Estabelecer relação entre a tese e os argumentos oferecidos para sustentá-la.
Por meio deste descritor, pode-se avaliar a habilidade do aluno em estabelecer a relação entre o ponto de vista do autor sobre um determinado assunto e os argumentos que sustentam esse posicionamento. Essa habilidade é avaliada por meio de um texto no qual é solicitado ao aluno que identifique um argumento entre os diversos que sustentam a proposição apresentada pelo autor. Pode-se, também, solicitar o contrário, que o aluno identifique a tese com base em um argumento oferecido pelo texto.
D27 - Diferenciar as partes principais das secundárias em um texto.
Por meio deste descritor pode-se avaliar a habilidade de o aluno reconhecer a estrutura e a organização do texto e localizar a informação principal e as informações secundárias que o compõem. Essa habilidade é avaliada por meio de um texto no qual pode ser solicitado ao aluno que ele identifique a parte principal ou outras partes secundárias na qual o texto se organiza.
V- Relações entre recursos expressivos e efeitos de sentido
D23 - Identificar efeitos de ironia ou humor em textos.
Para trabalhar essa habilidade, é importante escolher textos humorísticos que sejam acessíveis à faixa etária dos receptores, e que exibam conhecimentos que eles possuem. Muitas vezes o humor vai depender de uma outra leitura, de um conhecimento do entorno do texto ou de elementos externos a ele. Pode-se, também, fornecer conhecimentos prévios que, porventura, os alunos não tenham, para o texto se tornar mais acessível. Diversas questões podem ser propostas para a averiguação desse objetivo, mas uma é bem simples: ver se os receptores acharam graça, se se divertiram na leitura do texto proposto. É interessante pensar que se não houve construção do humor ou ironia, é provável que alguns pressupostos para a leitura do texto não eram conhecidos pelos receptores , então esses pressupostos precisam ser mais bem trabalhados.
D28 - Reconhecer o efeito de sentido decorrente da escolha de uma determinada palavra ou expressão
Estão envolvidos aqui, recursos de produção de sentido que devem funcionar como pistas para o receptor. No caso de o leitor utilizar determinadas palavras ou expressões em detrimento de outras, pode-se precisar que esse uso corresponda a uma intenção específica de criar sentidos também específicos no texto. As questões propostas para explorar essa habilidade se baseiam na abordagem da construção de sentido em textos que utilizam palavras/expressões específicas na construção de seu significado.
D21 - Identificar o efeito de sentido decorrente do uso da pontuação e de outras notações (disposição do texto no papel, digramação, etc.)
podem criar efeitos diversos de sentido: humor, ironia, realce, ênfase, entre muitos outros. Diversas questões podem ser propostas para explorar essa habilidade, mas a principal é abordar a interpretação textual levando em conta tais elementos de produção de sentido. Inclui-se que é bom variar os sentidos construídos com tais recursos.
D25 - Reconhecer o efeito de sentido decorrente da exploração de recursos ortográficos ou morfosintáticos
A habilidade que pode ser avaliada por meio deste descritor, refere-se à identificação pelo aluno do sentido que um recurso ortográfico, como, por exemplo, diminutivo ou, aumentativo de uma palavra, entre outros, e/ou os recursos morfosintáticos (forma que as palavras se apresentam), provocam no leitor, conforme o que o autor deseja expressar no texto. Essa habilidade é avaliada por meio de um texto no qual se requer que o aluno identifique as mudanças de sentido decorrentes das variações nos padrões gramaticais da língua (ortografia, concordância, estrutura de frase, entre outros) no texto.
VI - Variação Linguística
D13 - Identificar as marcas linguísticas que evidenciam o locutor e o interlocutor de um texto.
Por meio deste descritor pode-se avaliar a habilidade do aluno em identificar quem fala no texto e a quem ele se destina, essencialmente, por meio da presença de marcas linguísticas (o tipo de vocabulário, o assunto, etc.), evidenciando, também, a importância do domínio das variações linguísticas que estão presentes na nossa sociedade. Essa habilidade é avaliada em textos nos quais o aluno é solicitado a identificar o locutor e o interlocutor do texto nos diversos domínios sociais, como também são exploradas as possíveis variações da fala: linguagem rural, urbana, formal, informal, incluindo também as linguagens relacionadas a determinados domínio sociais, como, por exemplo, cerimônias religiosas, escola, clube, etc.
O Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB) é uma avaliação diagnóstica em larga escala realizada pelo INEP/MEC que visa aferir a qualidade do ensino brasileiro. Aplicado ao 5º e 9º anos do Ensino Fundamental e 3º ano do Ensino Médio, o SAEB utiliza testes padronizados e questionários socioeconômicos para avaliar o desempenho dos estudantes em Língua Portuguesa e Matemática. Na prova de Língua Portuguesa do 9º ano, são avaliadas principalmente habilidades de leitura e interpretação textual, organizadas em descritores específicos que compõem a Matriz de Referência. Este simulado foi desenvolvido para auxiliar estudantes e professores na preparação para essa importante avaliação nacional, abordando diferentes gêneros textuais e níveis de complexidade. Você pode BAIXAR O DOCUMENTO GRATUITAMENTE para Editá-lo! Este simulado contém 15 questões objetivas Cada questão possui quatro alternativas, sendo apenas uma correta! Leia atentamente os textos enunciados antes de responder Duração sugerida: 2 horas TEXTO I O Bicho Manuel (Bandeira Publicidade)
Vi ontem um bicho Na imundície do pátio Catando comida entre os detritos. Quando achou alguma coisa, Não examinou nem cheirou: Engoliu com voracidade. O bicho não era um cão, Não era um gato, Não era um rato. Publicidade! O bicho, meu Deus, era um homem.
QUESTÃO 1 No poema “O Bicho”, o impacto causado pelos versos finais deve-se principalmente:
A) A revelação de que o poeta tom compaixão pelos animais abandonados.
B) A denúncia das condições precárias em que vivem os animais nas grandes cidades.
C) A crítica à situação de miséria que reduz o ser humano à condição animal.
D) A comparação técnica entre o comportamento animal e o comportamento humano.
Habilidade avaliada: D18 - Reconhecer o efeito de sentido decorrente da escolha de uma determinada palavra ou expressão.
A questão avalia a capacidade de compreender o impacto semântico da revelação final do poema, identificando a crítica social implícita.
TEXTO II Medo da eternidade Clarice Lispector
Jamais esquecerei o meu último e dramático contato com a eternidade. Quando eu era muito pequena ainda não tinha provado chiclete e mesmo em Recife falava-se pouco deles. Eu nem sabia bem de que espécie de bala ou bombom se tratava. Mesmo o dinheiro que eu tinha não dava para comprar: como o mesmo dinheiro eu lucraria não sei quantas balas. Afinal minha irmã juntou dinheiro, comprou e eu saírmos de casa para a escola me explicou: — Tome cuidado para não perder, porque esta bala nunca se acaba. Dura a vida toda. — Como não acaba? — Eu perguntava inutilmente. — Não acaba nunca, é pronto. Eu estava bobá: parecia-me ter sido transportada para o reino de histórias de príncipes e fadas. Peguei a pequena pastilha cor-de-rosa que representava o elixir do longo prazo. Examinei-a, quase não podia acreditar no milagre. Eu, que, como outras crianças, às vezes tirava da boca uma bala ainda inteira, para chupar depois, só para fazê-la durar mais”, e eis-me com aquela coisa cor-de-rosa, de aparência tão inocente, tornando possível o mundo impossível do qual já começara a me dar conta. Com delicadeza, terminei afinal ponto o chiclete na boca. — E agora, que é que eu faço? — Perguntei para não entrar no ritual que certamente haveria — Agora chupe o chiclete para ir gostando do docinho dolele, e só depois que passar o gosto você começa a mastigar. E aí mastiga a vida inteira. A menos que você perca, eu já perdi vários. Perder a eternidade? Nunca. O adocicado do chiclete era bonzinho, não podia dizer que era ótimo. E, ainda por cima, encimávamo-nos para a escola. — Acabou o docinho. E agora? — Agora mastigue para sempre. Assustei-me, não sabia dizer por quê. Comecei a mastigar e em breve tinha na boca aquele puxa-puxa cinzento de borracha que não tinha gosto de nada. Mastigava, mastigava. Mas me sentia contrafeita. Na verdade eu não estava gostando do gosto. E a vantagem de ser bala eterna me enchia de uma espécie de medo, como se tem diante da ideia de eternidade ou de infinito. Eu não quis confessar que não estava à altura da eternidade. Que só me dava aflição. Enquanto isso, eu mastigava obedientemente, sem parar. Até que não suportei mais, e, atravessando o portão da escola, dei um jeto de o chiclete cair no chão de areia. — Olha só o que me aconteceu! — Disse eu em fingidos espanto e tristeza. — Agora não posso mastigar mais! A bala acabou! — Já lhe disse - repetiu minha irmã — que ela não acaba nunca. Mas a gente às vezes perde. Até de noite a gente pode ir mastigando, mas para não engolir no sono a gente prego o chiclete na cama. Não fique triste, um dia lhe dou outro, e esse você não perderá. Eu estava envergonhada diante da bondade de minha irmã, envergonhada da mentira que preparei dizendo que o chiclete caíra da boca por acaso. Mas aliviada. Sem o peso da eternidade sobre mim.
QUESTAO 2 A partir da leitura do texto, é correto afirmar que a narradora:
A) Adorou a experiência com o chiclete e ficou triste por tê-lo perdido acidentalmente.
B) Sentiu-se angustiada com a ideia da eternidade representada pelo chiclete que nunca acabava.
C) Descobriu que o chiclete era uma gulseimeira rara e cara, por isso o guardou para sempre.
D) Compartilhou com a irmã seu desgurado pelo sabor do chiclete desde o início da experiência.
Habilidade avaliada: D4 - Identificar o tema de um texto e D14 - Interpretar informações implícitas no texto.
A questão avalia a compreensão da relação metafórica entre o chiclete e o conceito de eternidade, exigindo uma leitura que vá além do sentido literal.
QUESTÃO 3 No trecho “E agora, que é que eu faço? ... Perguntei para não entrar no ritual que certamente haveria ... Agora chupe o chiclete para ir gostando do docinho dolele, e só depois que passar o gosto você começa a mastigar. E aí mastiga a vida inteira. A menos que você perca, eu já perdi vários. Perder a eternidade? Nunca. O adocicado do chiclete era bonzinho, não podia dizer que era ótimo. E, ainda por cima, encimávamo-nos para a escola. ... Acabou o docinho. E agora? ... Agora mastigue para sempre. Assustei-me, não sabia dizer por quê. Comecei a mastigar e em breve tinha na boca aquele puxa-puxa cinzento de borracha que não tinha gosto de nada. Mastigava, mastigava. Mas me sentia contrafeita. Na verdade eu não estava gostando do gosto. E a vantagem de ser bala eterna me enchia de uma espécie de medo, como se tem diante da ideia de eternidade ou de infinito. Eu não quis confessar que não estava à altura da eternidade. Que só me dava aflição. Enquanto isso, eu mastigava obedientemente, sem parar. Até que não suportei mais, e, atravessando o portão da escola, dei um jeto de o chiclete cair no chão de areia. ... Olha só o que me aconteceu! ... Disse eu em fingidos espanto e tristeza. ... Agora não posso mastigar mais! A bala acabou! ... Já lhe disse - repetiu minha irmã - que ela não acaba nunca. Mas a gente às vezes perde. Até de noite a gente pode ir mastigando, mas para não engolir no sono a gente prego o chiclete na cama. Não fique triste, um dia lhe dou outro, e esse você não perderá. Eu estava envergonhada diante da bondade de minha irmã, envergonhada da mentira que preparei dizendo que o chiclete caíra da boca por acaso. Mas aliviada. Sem o peso da eternidade sobre mim.
QUESTAO 2 A partir da leitura do texto, é correto afirmar que a narradora:
A) Adorou a experiência com o chiclete e ficou triste por tê-lo perdido acidentalmente.
B) Sentiu-se angustiada com a ideia da eternidade representada pelo chiclete que nunca acabava.
C) Descobriu que o chiclete era uma gulseimeira rara e cara, por isso o guardou para sempre.
D) Compartilhou com a irmã seu desgurado pelo sabor do chiclete desde o início da experiência.
Habilidade avaliada: D4 - Identificar o tema de um texto e D14 - Interpretar informações implícitas no texto.
A questão avalia a compreensão da relação metafórica entre o chiclete e o conceito de eternidade, exigindo uma leitura que vá além do sentido literal.
QUESTÃO 3 No trecho “E agora, que é que eu faço? ... Perguntei para não entrar no ritual que certamente haveria ... Agora chupe o chiclete para ir gostando do docinho dolele, e só depois que passar o gosto você começa a mastigar. E aí mastiga a vida inteira. A menos que você perca, eu já perdi vários. Perder a eternidade? Nunca. O adocicado do chiclete era bonzinho, não podia dizer que era ótimo. E, ainda por cima, encimávamo-nos para a escola. ... Acabou o docinho. E agora? ... Agora mastigue para sempre. Assustei-me, não sabia dizer por quê. Comecei a mastigar e em breve tinha na boca aquele puxa-puxa cinzento de borracha que não tinha gosto de nada. Mastigava, mastigava. Mas me sentia contrafeita. Na verdade eu não estava gostando do gosto. E a vantagem de ser bala eterna me enchia de uma espécie de medo, como se tem diante da ideia de eternidade ou de infinito. Eu não quis confessar que não estava à altura da eternidade. Que só me dava aflição. Enquanto isso, eu mastigava obedientemente, sem parar. Até que não suportei mais, e, atravessando o portão da escola, dei um jeto de o chiclete cair no chão de areia. ... Olha só o que me aconteceu! ... Disse eu em fingidos espanto e tristeza. ... Agora não posso mastigar mais! A bala acabou! ... Já lhe disse - repetiu minha irmã - que ela não acaba nunca. Mas a gente às vezes perde. Até de noite a gente pode ir mastigando, mas para não engolir no sono a gente prego o chiclete na cama. Não fique triste, um dia lhe dou outro, e esse você não perderá. Eu estava envergonhada diante da bondade de minha irmã, envergonhada da mentira que preparei dizendo que o chiclete caíra da boca por acaso. Mas aliviada. Sem o peso da eternidade sobre mim.
QUESTAO 2 A partir da leitura do texto, é correto afirmar que a narradora:
A) Adorou a experiência com o chiclete e ficou triste por tê-lo perdido acidentalmente.
B) Sentiu-se angustiada com a ideia da eternidade representada pelo chiclete que nunca acabava.
C) Descobriu que o chiclete era uma gulseimeira rara e cara, por isso o guardou para sempre.
D) Compartilhou com a irmã seu desgurado pelo sabor do chiclete desde o início da experiência.
Habilidade avaliada: D4 - Identificar o tema de um texto e D14 - Interpretar informações implícitas no texto.
A questão avalia a compreensão da relação metafórica entre o chiclete e o conceito de eternidade, exigindo uma leitura que vá além do sentido literal.
QUESTÃO 3 No trecho “E agora, que é que eu faço? ... Perguntei para não entrar no ritual que certamente haveria ... Agora chupe o chiclete para ir gostando do docinho dolele, e só depois que passar o gosto você começa a mastigar. E aí mastiga a vida inteira. A menos que você perca, eu já perdi vários. Perder a eternidade? Nunca. O adocicado do chiclete era bonzinho, não podia dizer que era ótimo. E, ainda por cima, encimávamo-nos para a escola. ... Acabou o docinho. E agora? ... Agora mastigue para sempre. Assustei-me, não sabia dizer por quê. Comecei a mastigar e em breve tinha na boca aquele puxa-puxa cinzento de borracha que não tinha gosto de nada. Mastigava, mastigava. Mas me sentia contrafeita. Na verdade eu não estava gostando do gosto. E a vantagem de ser bala eterna me enchia de uma espécie de medo, como se tem diante da ideia de eternidade ou de infinito. Eu não quis confessar que não estava à altura da eternidade. Que só me dava aflição. Enquanto isso, eu mastigava obedientemente, sem parar. Até que não suportei mais, e, atravessando o portão da escola, dei um jeto de o chiclete cair no chão de areia. ... Olha só o que me aconteceu! ... Disse eu em fingidos espanto e tristeza. ... Agora não posso mastigar mais! A bala acabou! ... Já lhe disse - repetiu minha irmã - que ela não acaba nunca. Mas a gente às vezes perde. Até de noite a gente pode ir mastigando, mas para não engolir no sono a gente prego o chiclete na cama. Não fique triste, um dia lhe dou outro, e esse você não perderá. Eu estava envergonhada diante da bondade de minha irmã, envergonhada da mentira que preparei dizendo que o chiclete caíra da boca por acaso. Mas aliviada. Sem o peso da eternidade sobre mim.
QUESTAO 2 A partir da leitura do texto, é correto afirmar que a narradora:
A) Adorou a experiência com o chiclete e ficou triste por tê-lo perdido acidentalmente.
B) Sentiu-se angustiada com a ideia da eternidade representada pelo chiclete que nunca acabava.
C) Descobriu que o chiclete era uma gulseimeira rara e cara, por isso o guardou para sempre.
D) Compartilhou com a irmã seu desgurado pelo sabor do chiclete desde o início da experiência.
Habilidade avaliada: D4 - Identificar o tema de um texto e D14 - Interpretar informações implícitas no texto.
A questão avalia a compreensão da relação metafórica entre o chiclete e o conceito de eternidade, exigindo uma leitura que vá além do sentido literal.
QUESTÃO 3 No trecho “E agora, que é que eu faço? ... Perguntei para não entrar no ritual que certamente haveria ... Agora chupe o chiclete para ir gostando do docinho dolele, e só depois que passar o gosto você começa a mastigar. E aí mastiga a vida inteira. A menos que você perca, eu já perdi vários. Perder a eternidade? Nunca. O adocicado do chiclete era bonzinho, não podia dizer que era ótimo. E, ainda por cima, encimávamo-nos para a escola. ... Acabou o docinho. E agora? ... Agora mastigue para sempre. Assustei-me, não sabia dizer por quê. Comecei a mastigar e em breve tinha na boca aquele puxa-puxa cinzento de borracha que não tinha gosto de nada. Mastigava, mastigava. Mas me sentia contrafeita. Na verdade eu não estava gostando do gosto. E a vantagem de ser bala eterna me enchia de uma espécie de medo, como se tem diante da ideia de eternidade ou de infinito. Eu não quis confessar que não estava à altura da eternidade. Que só me dava aflição. Enquanto isso, eu mastigava obedientemente, sem parar. Até que não suportei mais, e, atravessando o portão da escola, dei um jeto de o chiclete cair no chão de areia. ... Olha só o que me aconteceu! ... Disse eu em fingidos espanto e tristeza. ... Agora não posso mastigar mais! A bala acabou! ... Já lhe disse - repetiu minha irmã - que ela não acaba nunca. Mas a gente às vezes perde. Até de noite a gente pode ir mastigando, mas para não engolir no sono a gente prego o chiclete na cama. Não fique triste, um dia lhe dou outro, e esse você não perderá. Eu estava envergonhada diante da bondade de minha irmã, envergonhada da mentira que preparei dizendo que o chiclete caíra da boca por acaso. Mas aliviada. Sem o peso da eternidade sobre mim.
QUESTAO 2 A partir da leitura do texto, é correto afirmar que a narradora:
A) Adorou a experiência com o chiclete e ficou triste por tê-lo perdido acidentalmente.
B) Sentiu-se angustiada com a ideia da eternidade representada pelo chiclete que nunca acabava.
C) Descobriu que o chiclete era uma gulseimeira rara e cara, por isso o guardou para sempre.
D) Compartilhou com a irmã seu desgurado pelo sabor do chiclete desde o início da experiência.
Habilidade avaliada: D4 - Identificar o tema de um texto e D14 - Interpretar informações implícitas no texto.
A questão avalia a compreensão da relação metafórica entre o chiclete e o conceito de eternidade, exigindo uma leitura que vá além do sentido literal.
QUESTÃO 3 No trecho “E agora, que é que eu faço? ... Perguntei para não entrar no ritual que certamente haveria ... Agora chupe o chiclete para ir gostando do docinho dolele, e só depois que passar o gosto você começa a mastigar. E aí mastiga a vida inteira. A menos que você perca, eu já perdi vários. Perder a eternidade? Nunca. O adocicado do chiclete era bonzinho, não podia dizer que era ótimo. E, ainda por cima, encimávamo-nos para a escola. ... Acabou o docinho. E agora? ... Agora mastigue para sempre. Assustei-me, não sabia dizer por quê. Comecei a mastigar e em breve tinha na boca aquele puxa-puxa cinzento de borracha que não tinha gosto de nada. Mastigava, mastigava. Mas me sentia contrafeita. Na verdade eu não estava gostando do gosto. E a vantagem de ser bala eterna me enchia de uma espécie de medo, como se tem diante da ideia de eternidade ou de infinito. Eu não quis confessar que não estava à altura da eternidade. Que só me dava aflição. Enquanto isso, eu mastigava obedientemente, sem parar. Até que não suportei mais, e, atravessando o portão da escola, dei um jeto de o chiclete cair no chão de areia. ... Olha só o que me aconteceu! ... Disse eu em fingidos espanto e tristeza. ... Agora não posso mastigar mais! A bala acabou! ... Já lhe disse - repetiu minha irmã - que ela não acaba nunca. Mas a gente às vezes perde. Até de noite a gente pode ir mastigando, mas para não engolir no sono a gente prego o chiclete na cama. Não fique triste, um dia lhe dou outro, e esse você não perderá. Eu estava envergonhada diante da bondade de minha irmã, envergonhada da mentira que preparei dizendo que o chiclete caíra da boca por acaso. Mas aliviada. Sem o peso da eternidade sobre mim.
QUESTAO 2 A partir da leitura do texto, é correto afirmar que a narradora:
A) Adorou a experiência com o chiclete e ficou triste por tê-lo perdido acidentalmente.
B) Sentiu-se angustiada com a ideia da eternidade representada pelo chiclete que nunca acabava.
C) Descobriu que o chiclete era uma gulseimeira rara e cara, por isso o guardou para sempre.
D) Compartilhou com a irmã seu desgurado pelo sabor do chiclete desde o início da experiência.
Habilidade avaliada: D4 - Identificar o tema de um texto e D14 - Interpretar informações implícitas no texto.
A questão avalia a compreensão da relação metafórica entre o chiclete e o conceito de eternidade, exigindo uma leitura que vá além do sentido literal.
QUESTÃO 3 No trecho “E agora, que é que eu faço? ... Perguntei para não entrar no ritual que certamente haveria ... Agora chupe o chiclete para ir gostando do docinho dolele, e só depois que passar o gosto você começa a mastigar. E aí mastiga a vida inteira. A menos que você perca, eu já perdi vários. Perder a eternidade? Nunca. O adocicado do chiclete era bonzinho, não podia dizer que era ótimo. E, ainda por cima, encimávamo-nos para a escola. ... Acabou o docinho. E agora? ... Agora mastigue para sempre. Assustei-me, não sabia dizer por quê. Comecei a mastigar e em breve tinha na boca aquele puxa-puxa cinzento de borracha que não tinha gosto de nada. Mastigava, mastigava. Mas me sentia contrafeita. Na verdade eu não estava gostando do gosto. E a vantagem de ser bala eterna me enchia de uma espécie de medo, como se tem diante da ideia de eternidade ou de infinito. Eu não quis confessar que não estava à altura da eternidade. Que só me dava aflição. Enquanto isso, eu mastigava obedientemente, sem parar. Até que não suportei mais, e, atravessando o portão da escola, dei um jeto de o chiclete cair no chão de areia. ... Olha só o que me aconteceu! ... Disse eu em fingidos espanto e tristeza. ... Agora não posso mastigar mais! A bala acabou! ... Já lhe disse - repetiu minha irmã - que ela não acaba nunca. Mas a gente às vezes perde. Até de noite a gente pode ir mastigando, mas para não engolir no sono a gente prego o chiclete na cama. Não fique triste, um dia lhe dou outro, e esse você não perderá. Eu estava envergonhada diante da bondade de minha irmã, envergonhada da mentira que preparei dizendo que o chiclete caíra da boca por acaso. Mas aliviada. Sem o peso da eternidade sobre mim.
QUESTAO 2 A partir da leitura do texto, é correto afirmar que a narradora:
A) Adorou a experiência com o chiclete e ficou triste por tê-lo perdido acidentalmente.
B) Sentiu-se angustiada com a ideia da eternidade representada pelo chiclete que nunca acabava.
C) Descobriu que o chiclete era uma gulseimeira rara e cara, por isso o guardou para sempre.
D) Compartilhou com a irmã seu desgurado pelo sabor do chiclete desde o início da experiência.
Habilidade avaliada: D4 - Identificar o tema de um texto e D14 - Interpretar informações implícitas no texto.
A questão avalia a compreensão da relação metafórica entre o chiclete e o conceito de eternidade, exigindo uma leitura que vá além do sentido literal.
QUESTÃO 3 No trecho “E agora, que é que eu faço? ... Perguntei para não entrar no ritual que certamente haveria ... Agora chupe o chiclete para ir gostando do docinho dolele, e só depois que passar o gosto você começa a mastigar. E aí mastiga a vida inteira. A menos que você perca, eu já perdi vários. Perder a eternidade? Nunca. O adocicado do chiclete era bonzinho, não podia dizer que era ótimo. E, ainda por cima, encimávamo-nos para a escola. ... Acabou o docinho. E agora? ... Agora mastigue para sempre. Assustei-me, não sabia dizer por quê. Comecei a mastigar e em breve tinha na boca aquele puxa-puxa cinzento de borracha que não tinha gosto de nada. Mastigava, mastigava. Mas me sentia contrafeita. Na verdade eu não estava gostando do gosto. E a vantagem de ser bala eterna me enchia de uma espécie de medo, como se tem diante da ideia de eternidade ou de infinito. Eu não quis confessar que não estava à altura da eternidade. Que só me dava aflição. Enquanto isso, eu mastigava obedientemente, sem parar. Até que não suportei mais, e, atravessando o portão da escola, dei um jeto de o chiclete cair no chão de areia. ... Olha só o que me aconteceu! ... Disse eu em fingidos espanto e tristeza. ... Agora não posso mastigar mais! A bala acabou! ... Já lhe disse - repetiu minha irmã - que ela não acaba nunca. Mas a gente às vezes perde. Até de noite a gente pode ir mastigando, mas para não engolir no sono a gente prego o chiclete na cama. Não fique triste, um dia lhe dou outro, e esse você não perderá. Eu estava envergonhada diante da bondade de minha irmã, envergonhada da mentira que preparei dizendo que o chiclete caíra da boca por acaso. Mas aliviada. Sem o peso da eternidade sobre mim.
QUESTAO 2 A partir da leitura do texto, é correto afirmar que a narradora:
A) Adorou a experiência com o chiclete e ficou triste por tê-lo perdido acidentalmente.
B) Sentiu-se angustiada com a ideia da eternidade representada pelo chiclete que nunca acabava.
C) Descobriu que o chiclete era uma gulseimeira rara e cara, por isso o guardou para sempre.
D) Compartilhou com a irmã seu desgurado pelo sabor do chiclete desde o início da experiência.
Habilidade avaliada: D4 - Identificar o tema de um texto e D14 - Interpretar informações implícitas no texto.
A questão avalia a compreensão da relação metafórica entre o chiclete e o conceito de eternidade, exigindo uma leitura que vá além do sentido literal.
QUESTÃO 3 No trecho “E agora, que é que eu faço? ... Perguntei para não entrar no ritual que certamente haveria ... Agora chupe o chiclete para ir gostando do docinho dolele, e só depois que passar o gosto você começa a mastigar. E aí mastiga a vida inteira. A menos que você perca, eu já perdi vários. Perder a eternidade? Nunca. O adocicado do chiclete era bonzinho, não podia dizer que era ótimo. E, ainda por cima, encimávamo-nos para a escola. ... Acabou o docinho. E agora? ... Agora mastigue para sempre. Assustei-me, não sabia dizer por quê. Comecei a mastigar e em breve tinha na boca aquele puxa-puxa cinzento de borracha que não tinha gosto de nada. Mastigava, mastigava. Mas me sentia contrafeita. Na verdade eu não estava gostando do gosto. E a vantagem de ser bala eterna me enchia de uma espécie de medo, como se tem diante da ideia de eternidade ou de infinito. Eu não quis confessar que não estava à altura da eternidade. Que só me dava aflição. Enquanto isso, eu mastigava obedientemente, sem parar. Até que não suportei mais, e, atravessando o portão da escola, dei um jeto de o chiclete cair no chão de areia. ... Olha só o que me aconteceu! ... Disse eu em fingidos espanto e tristeza. ... Agora não posso mastigar mais! A bala acabou! ... Já lhe disse - repetiu minha irmã - que ela não acaba nunca. Mas a gente às vezes perde. Até de noite a gente pode ir mastigando, mas para não engolir no sono a gente prego o chiclete na cama. Não fique triste, um dia lhe dou outro, e esse você não perderá. Eu estava envergonhada diante da bondade de minha irmã, envergonhada da mentira que preparei dizendo que o chiclete caíra da boca por acaso. Mas aliviada. Sem o peso da eternidade sobre mim.
QUESTAO 2 A partir da leitura do texto, é correto afirmar que a narradora:
A) Adorou a experiência com o chiclete e ficou triste por tê-lo perdido acidentalmente.
B) Sentiu-se angustiada com a ideia da eternidade representada pelo chiclete que nunca acabava.
C) Descobriu que o chiclete era uma gulseimeira rara e cara, por isso o guardou para sempre.
D) Compartilhou com a irmã seu desgurado pelo sabor do chiclete desde o início da experiência.
Habilidade avaliada: D4 - Identificar o tema de um texto e D14 - Interpretar informações implícitas no texto.
A questão avalia a compreensão da relação metafórica entre o chiclete e o conceito de eternidade, exigindo uma leitura que vá além do sentido literal.
QUESTÃO 3 No trecho “E agora, que é que eu faço? ... Perguntei para não entrar no ritual que certamente haveria ... Agora chupe o chiclete para ir gostando do docinho dolele, e só depois que passar o gosto você começa a mastigar. E aí mastiga a vida inteira. A menos que você perca, eu já perdi vários. Perder a eternidade? Nunca. O adocicado do chiclete era bonzinho, não podia dizer que era ótimo. E, ainda por cima, encimávamo-nos para a escola. ... Acabou o docinho. E agora? ... Agora mastigue para sempre. Assustei-me, não sabia dizer por quê. Comecei a mastigar e em breve tinha na boca aquele puxa-puxa cinzento de borracha que não tinha gosto de nada. Mastigava, mastigava. Mas me sentia contrafeita. Na verdade eu não estava gostando do gosto. E a vantagem de ser bala eterna me enchia de uma espécie de medo, como se tem diante da ideia de eternidade ou de infinito. Eu não quis confessar que não estava à altura da eternidade. Que só me dava aflição. Enquanto isso, eu mastigava obedientemente, sem parar. Até que não suportei mais, e, atravessando o portão da escola, dei um jeto de o chiclete cair no chão de areia. ... Olha só o que me aconteceu! ... Disse eu em fingidos espanto e tristeza. ... Agora não posso mastigar mais! A bala acabou! ... Já lhe disse - repetiu minha irmã - que ela não acaba nunca. Mas a gente às vezes perde. Até de noite a gente pode ir mastigando, mas para não engolir no sono a gente prego o chiclete na cama. Não fique triste, um dia lhe dou outro, e esse você não perderá. Eu estava envergonhada diante da bondade de minha irmã, envergonhada da mentira que preparei dizendo que o chiclete caíra da boca por acaso. Mas aliviada. Sem o peso da eternidade sobre mim.
QUESTAO 2 A partir da leitura do texto, é correto afirmar que a narradora:
A) Adorou a experiência com o chiclete e ficou triste por tê-lo perdido acidentalmente.
B) Sentiu-se angustiada com a ideia da eternidade representada pelo chiclete que nunca acabava.
C) Descobriu que o chiclete era uma gulseimeira rara e cara, por isso o guardou para sempre.
D) Compartilhou com a irmã seu desgurado pelo sabor do chiclete desde o início da experiência.
Habilidade avaliada: D4 - Identificar o tema de um texto e D14 - Interpretar informações implícitas no texto.
A questão avalia a compreensão da relação metafórica entre o chiclete e o conceito de eternidade, exigindo uma leitura que vá além do sentido literal.
QUESTÃO 3 No trecho “E agora, que é que eu faço? ... Perguntei para não entrar no ritual que certamente haveria ... Agora chupe o chiclete para ir gostando do docinho dolele, e só depois que passar o gosto você começa a mastigar. E aí mastiga a vida inteira. A menos que você perca, eu já perdi vários. Perder a eternidade? Nunca. O adocicado do chiclete era bonzinho, não podia dizer que era ótimo. E, ainda por cima, encimávamo-nos para a escola. ... Acabou o docinho. E agora? ... Agora mastigue para sempre. Assustei-me, não sabia dizer por quê. Comecei a mastigar e em breve tinha na boca aquele puxa-puxa cinzento de borracha que não tinha gosto de nada. Mastigava, mastigava. Mas me sentia contrafeita. Na verdade eu não estava gostando do gosto. E a vantagem de ser bala eterna me enchia de uma espécie de medo, como se tem diante da ideia de eternidade ou de infinito. Eu não quis confessar que não estava à altura da eternidade. Que só me dava aflição. Enquanto isso, eu mastigava obedientemente, sem parar. Até que não suportei mais, e, atravessando o portão da escola, dei um jeto de o chiclete cair no chão de areia. ... Olha só o que me aconteceu! ... Disse eu em fingidos espanto e tristeza. ... Agora não posso mastigar mais! A bala acabou! ... Já lhe disse - repetiu minha irmã - que ela não acaba nunca. Mas a gente às vezes perde. Até de noite a gente pode ir mastigando, mas para não engolir no sono a gente prego o chiclete na cama. Não fique triste, um dia lhe dou outro, e esse você não perderá. Eu estava envergonhada diante da bondade de minha irmã, envergonhada da mentira que preparei dizendo que o chiclete caíra da boca por acaso. Mas aliviada. Sem o peso da eternidade sobre mim.
QUESTAO 2 A partir da leitura do texto, é correto afirmar que a narradora:
A) Adorou a experiência com o chiclete e ficou triste por tê-lo perdido acidentalmente.
B) Sentiu-se angustiada com a ideia da eternidade representada pelo chiclete que nunca acabava.
C) Descobriu que o chiclete era uma gulseimeira rara e cara, por isso o guardou para sempre.
D) Compartilhou com a irmã seu desgurado pelo sabor do chiclete desde o início da experiência.
Habilidade avaliada: D4 - Identificar o tema de um texto e D14 - Interpretar informações implícitas no texto.
A questão avalia a compreensão da relação metafórica entre o chiclete e o conceito de eternidade, exigindo uma leitura que vá além do sentido literal.
QUESTÃO 3 No trecho “E agora, que é que eu faço? ... Perguntei para não entrar no ritual que certamente haveria ... Agora chupe o chiclete para ir gostando do docinho dolele, e só depois que passar o gosto você começa a mastigar. E aí mastiga a vida inteira. A menos que você perca, eu já perdi vários. Perder a eternidade? Nunca. O adocicado do chiclete era bonzinho, não podia dizer que era ótimo. E, ainda por cima, encimávamo-nos para a escola. ... Acabou o docinho. E agora? ... Agora mastigue para sempre. Assustei-me, não sabia dizer por quê. Comecei a mastigar e em breve tinha na boca aquele puxa-puxa cinzento de borracha que não tinha gosto de nada. Mastigava, mastigava. Mas me sentia contrafeita. Na verdade eu não estava gostando do gosto. E a vantagem de ser bala eterna me enchia de uma espécie de medo, como se tem diante da ideia de eternidade ou de infinito. Eu não quis confessar que não estava à altura da eternidade. Que só me dava aflição. Enquanto isso, eu mastigava obedientemente, sem parar. Até que não suportei mais, e, atravessando o portão da escola, dei um jeto de o chiclete